

Disrupções na cultura: as violências visíveis e invisíveis

Ruggero Levy¹, Porto Alegre

O autor, articulando conceitos da psicanálise e da filosofia, em especial a partir das ideias de Byung-Chul Han, discorre sobre mal-estares da cultura atual, procurando também levar em conta o contexto inevitavelmente disruptivo da pandemia da Covid-19. Em um momento inicial, considera que, em todas as culturas, há mal-estares inevitáveis da vida em sociedade, porém detém-se em alguns dissabores da cultura atual, quais sejam, as exigências de um desempenho que esgotam o sujeito contemporâneo, levando-o ao isolamento narcisista e à alta prevalência de quadros de depressão na atualidade. Estuda também o impacto sobre a subjetividade do homem contemporâneo daquilo que o filósofo denomina de cultura do “excesso de positividade” e o seu efeito potencialmente traumático. Finaliza o trabalho discorrendo a respeito das possíveis consequências sobre a mente do sujeito contemporâneo do fenômeno da pós-verdade e das fake news.

Palavras-chaves: Mal-estar na cultura; Pós-modernidade; Psicanálise e cultura; Narcisismo; Cultura e verdade

¹ Psicanalista, membro efetivo e analista didata da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA).

Ruggero Levy

Introdução

Freud (1930/2010c), em *O mal-estar na civilização*, faz uma contribuição genial ao afirmar que, na construção da subjetividade humana, existe uma tensão ineludível entre indivíduo e cultura. Em qualquer cultura, em qualquer época.

Em 2013, escrevi um trabalho chamado *O tempo da incerteza: elogio ao pudor – em defesa de um certo mistério necessário à simbolização*, em que estudei algumas características da pós-modernidade, tais como a incerteza, a precariedade, a imprevisibilidade, a prevalência da cultura da imagem e seus impactos sobre os processos de simbolização. Como será notado, o presente trabalho dialogará com o anterior, reafirmando-o, ampliando-o ou modificando-o.

Nessa reflexão de 2013, foi proposto que se pensasse o tema do mal-estar na cultura da seguinte forma:

(...) em todas as épocas encontraremos forças culturais promotoras de processos simbólicos, ou seja, decrescimento mental, e outras que conduzem à estagnação do crescimento psíquico e, por vezes, ao empobrecimento simbólico, ou, até mesmo, ao comprometimento da função simbólica, constituindo forças *desmentalizadoras*. (pp. 266-267)

Embora eu siga pensando exatamente isso, hoje agregaria que cada cultura em sua época afeta a subjetividade humana à sua maneira, provocando mal-estares diferentes e mesmo patologias diferentes.

Procurarei desenvolver nesse trabalho as contribuições que apresentei no anterior, agregando novos pontos de vista. Entretanto, no momento atual, vivemos algo histórico que, do meu ponto de vista, impacta e impactará a cultura de modo inevitável, embora ainda não tenhamos a exata dimensão de tais efeitos. A humanidade está afetada pela pandemia de um vírus implacável, causador da Covid-19, com efeitos devastadores como não se via há mais de um século. Tentarei articular as características culturais de nosso tempo com o impacto traumático ocasionado por esta pandemia. Se, em 2013, eu já apontava as características de precariedade e de imprevisibilidade da sociedade pós-moderna, a pandemia planetária potencializou estes sentimentos. Se, durante milênios, o homem foi o grande predador do planeta, subitamente percebe-se na condição de presa de um amontoado de filamentos de RNA envolvidos por uma fina camada de gordura, escondendo-se em sua casa para tentar escapar desse predador.

Por mais que se deseje fazer uma ampla reflexão do contexto cultural

do século XXI, é inescapável que nos detenhamos para registrar a presença do tanático de um modo assustador nos dias de hoje na sociedade brasileira, na tentativa de elaborar o máximo possível o impacto que estamos sofrendo. Não se pode naturalizar, banalizar, a morte de mais de 400.000 brasileiros em um ano! É claro – como desenvolverei ao longo deste trabalho – que o tanático em forma de violência sempre existiu nas sociedades humanas. Entretanto, uma destrutividade de tamanha magnitude foi vista apenas em situações de guerras ou de grandes catástrofes humanitárias ou sanitárias, que é o que estamos vivendo. Precisaremos de muitos anos para elaborar, poder representar, pensar ou mesmo historicizar o significado, a abrangência e as consequências desta tragédia que nos coube viver. Neste momento, o presente trabalho constitui-se em apenas mais um nó na malha simbólica que estamos tentando tecer.

Mas, afora esse impacto agudo sobre a humanidade e sobre a cultura, qual seria hoje o mal-estar, ou os mal-estares, 13 anos depois do artigo anterior? Não apenas 13 anos depois, mas em especial após a sociedade altamente desenvolvida do ponto de vista científico e tecnológico, da cultura da aceleração e do instantâneo, ser travada, paralisada, colocada de joelhos, pelo coronavírus? E, ainda mais importante, que impacto toda essa realidade tem sobre a subjetividade humana?

Como ressaltai no trabalho anterior (Levy, 2013), falar de contemporaneidade no Brasil é extremamente complicado, pois existem diversos “brasis” (p. 266) e, por consequência, inúmeras microculturas que variam de acordo com a família, religião, zona do país, etc. Da mesma forma, as repercussões trágicas desta catástrofe sanitária diferem muito, dependendo da região do país, da classe social e até da cor da pele. Sabemos que as mortes e a destruição são mais intensas em populações pobres e em negros, por exemplo.

Pensando nisso, farei um recorte abrangendo um aspecto dominante na cultura, independente da pandemia, criado e promovido pelas mídias digitais que alcançam a totalidade da população, haja vista a capilaridade atingida pelos meios de comunicação em virtude da proliferação de dispositivos eletrônicos. O sujeito pós-moderno que emerge desta complexa interação entre mundo digital, globalização, sociedade de hiperconsumo e realidade socioeconômica possui uma série de características comuns e tratarei de evidenciar algumas delas. Estas peculiaridades não eliminam outras questões e problemáticas também atinentes à mesma cultura e que certamente intensificam os problemas vividos em um determinado grupo social: diferenças socioeconômicas, exclusão social, racismo estrutural, etc.

Antes de prosseguir, quero destacar que entendo a subjetividade do sujeito humano como a propriedade emergente de uma interação complexa entre a biologia

Ruggero Levy

do indivíduo, as relações de objeto onde ele se desenvolveu e o contexto cultural de sua época.

A modernidade e o sujeito da obediência

Byung-Chul Han, importante filósofo coreano radicado na Alemanha, professor na Universidade de Berlim, é autor de inúmeros livros sobre a sociedade contemporânea. Em *A topologia da violência* (2017), faz um relevante estudo sobre as formas através das quais a violência se organiza nas diversas culturas, em diferentes tempos históricos. Tanto na antiguidade como na Era Pré-Moderna, a violência estava por todos os lados e o governante mantinha o poder por meio de uma violência mortífera. Seus opositores, ou aqueles que ameaçavam o seu poder, eram sumariamente eliminados, quando não fisicamente torturados.

Na medida em que a civilização avança, a violência desloca-se do âmbito físico para o psíquico, do visível para o invisível, atingindo o seu ápice na pós-modernidade onde, através da *cyberguerra*, a violência não só viraliza como o próprio agressor torna-se invisível (Han, 2017). Parece até uma ironia que, além deste agressor invisível identificado por Han, hoje em dia temos ainda outro agressor invisível, que não era imaginado pelo autor, muito mais letal que aquele mencionado. No entanto, retornaremos à violência invisível da pós-modernidade em um momento posterior. Antes, vejamos algumas características da Modernidade sublinhadas por Han e totalmente alinhadas com a visão psicanalítica do *sujeito freudiano* do fim do século XIX e metade do século XX.

Segundo Han, um dos deslocamentos topológicos da violência na Modernidade foi a sua internalização psíquica. O indivíduo comum deixa de poder atuar a sua violência na ação e ela se internaliza, expressando-se, de acordo com o autor em questão, através do conflito psíquico, nas tensões internas entre o Ego e o Superego, apoiando-se nas ideias de Freud.

Uma rápida digressão. É claro que a análise do filósofo coreano é feita a partir do vértice filosófico e sociológico, deixando de lado alguns conceitos psicanalíticos. Por exemplo, nós sabemos, após *Totem e tabu* de Freud (1912), que, desde as mais primitivas organizações sociais do homem, existe a internalização da violência, a repressão das pulsões, etc. Então, embora sempre tenha existido tal internalização, talvez na Modernidade, em função de toda a moral repressiva vigente na época, a repressão e a internalização da violência tenham atingido o seu ápice no indivíduo comum. Digo indivíduo comum, pois sabemos que, por outro lado, o século XX foi o século das grandes guerras, do genocídio de judeus,

dos extermínios de Stalin, mas, de acordo com Han, eram práticas da violência cometida pelo estado, longe da vista dos cidadãos. Han refere-se a ela como “a violência envergonhada”, exercida nos campos de concentração ou nos calabouços do regime estalinista.

Voltando ao sujeito da Modernidade, Han o define como o “sujeito da obediência” (p. 23), pois ele internaliza “as instâncias de domínio exteriores, transformando-as em parte componente de si” (p. 23). Han chama esta forma de dominação interna de *violência simbólica*, pois, sem o emprego da violência física, ela provê condições para que as relações de domínio sejam estabelecidas.

Como sabemos, no fim do século XIX e nos primeiros 60 ou 70 anos do século XX, existia uma prevalência de regras fixas, além de uma moral sexual rígida, estruturas estáveis e permanentes, ilusão de previsibilidade do mundo e uma postura “legalista”, como se a natureza devesse submeter-se às leis imutáveis criadas pelo homem (Prigogine, 1996), como se fosse possível reduzir a natureza a um conjunto de leis. Freud era um homem deste tempo. Por tudo isto, Han (2017) diz que o aparelho psíquico freudiano é um sistema de negatividade, onde o Superego apresenta-se como uma instância psíquica de ordens e proibições rigorosas. Trata-se de um imperativo categórico, traço rigoroso e cruel do dever e da ordem, nas palavras de Freud em *O Eu e o Id* (1923/2010b). Como sabemos, este Superego cruel e rigoroso representa Deus, o antigo soberano ou o pai. Criase um sistema de interdições, de conflitos, de repressões, uma verdadeira guerra interna – inclusive nas metáforas propostas por Freud – que redundam nas neuroses e nos seus sintomas, as quais representam estes desejos, as defesas contra eles e as proibições. Por tal motivo, Han denomina este sistema como baseado na negatividade, naquilo que não pode ser expressado, vivido, etc. Há o desejo ou a pulsão em negativo e, em seu lugar, surge o sintoma, fruto do interdito.

Han (2017) conclui que “o aparelho psíquico freudiano é um aparelho de domínio e repressão que opera com ordens e proibições, que subjuga e oprime” (p. 57). O autor sinaliza que o aparato psíquico freudiano seria uma réplica da sociedade disciplinar da modernidade, plena de regras, muros, portais, delimitações e postos de vigia nas fronteiras. O problema, e nesse ponto divirjo de Han, é que “a psicanálise de Freud só seria possível numa sociedade repressiva, como é o caso da sociedade da soberania ou disciplinar, que baseiam sua organização na negatividade das ordens e proibições” (p. 57). Contrapõe que a sociedade contemporânea “é uma sociedade do desempenho, que se esquiva cada vez mais da negatividade das proibições e das ordens, apresentando-se como sociedade da liberdade” (p. 57). Entretanto, nós, psicanalistas, sabemos que, mesmo com toda a permissividade

Ruggero Levy

da sociedade pós-moderna, persistem as interdições superegóicas às inúmeras fantasias inconscientes reprimidas pelo sujeito.

A pós-modernidade, o sujeito do desempenho e o traumático

De acordo com Han (2017), o sujeito de desempenho pós-moderno, a partir das relações de produções vigentes, lança-se a um projeto de desempenho que gradualmente o consome por completo, embora esteja associado a um sentimento – uma ilusão, eu diria – de liberdade. A exigência de desempenho imposta a si mesmo, mas advinda da cultura de desempenho do sistema, faz com que o sujeito se autoexplora. Na minha visão, tal autoexploração ocorre além das explorações reais existentes no sistema. No entanto, a consequência importante é que “o sujeito do desempenho pós-moderno explora a si mesmo até chegar a consumir-se totalmente (*burnout*), e assim há o surgimento da autoagressividade que vai se intensificando e, não raro, leva ao suicídio” (p. 25). Aqui temos a grande violência invisível da atualidade. O que aparece é o seu resultado final, que seria o esgotamento ou até a morte do sujeito. A tese de Han é absolutamente compatível com a realidade que estamos vivendo, na qual a depressão e o suicídio atingem níveis preocupantes, o que já ocorria desde antes da pandemia da Covid-19. Por exemplo, de acordo com a OMS, a depressão diagnosticada atinge 4,4% da população mundial e, no Brasil, este número cresce para 5,8%. Em relação ao suicídio, os números são ainda mais alarmantes. No mundo, cerca de 800.000 pessoas por ano tiram a sua vida. No Brasil, são mais de 12.000 por ano, e o mais chocante é que a grande maioria é formada por jovens de 10 a 29 anos. Nesta faixa, o aumento foi de 65% entre 10 e 14 anos e de 45% entre 15 e 19 anos! Seria pela falta de oportunidades e de perspectivas em uma sociedade onde o alto desempenho e o consumo são o grande valor?

Em sociedades com as contradições que encontramos no Brasil, vemos múltiplos mal-estares, múltiplas violências e, certamente, em meu recorte poderei apenas referir-me a alguns. De um lado, temos o mal-estar dos excluídos do sistema, sejam eles desempregados ou então empregados com salários miseráveis e sem perspectivas de ascensão social. Além deles, obviamente existem os excluídos ou marginalizados por questões étnicas ou raciais. Mas, de outro lado, Byung-Chul aponta para o mal-estar dos privilegiados do ponto de vista social e econômico. Esta me parece ser a contribuição mais importante do filósofo coreano, que vive, como disse antes, em uma sociedade com menos contradições que a nossa, embora elas também existam.

Diferentemente do sujeito da modernidade, em que o dever era o elemento dominante, o sujeito da pós-modernidade, inserido no sistema de produção, principalmente de classe média e alta, visa não tanto a obediência, mas a liberdade e o prazer. Acima de tudo, espera obter prazer de seu trabalho e ouve sobretudo a si mesmo e não ao outro (Han, 2017). Entretanto, o libertar-se do outro lança o sujeito do desempenho à relação consigo mesmo, fechando-o em um circuito narcisista, o que será responsável por inúmeras perturbações psíquicas. Este fechamento em si mesmo, de acordo com Han, causa uma crise de gratificação, pois não é possível gratificar a si mesmo na medida em que o reconhecimento e a gratificação ocorrem sempre na relação com o outro, como sabemos desde as contribuições iniciais de Freud, mas principalmente depois de Bion e Winnicott, que estudaram o desenvolvimento humano a partir de uma perspectiva intersubjetiva.

Devido à perturbação da estrutura de gratificação, o sujeito do desempenho vê-se obrigado a produzir e a desempenhar cada vez mais até chegar ao *burnout* ou à depressão, de acordo com Han, quando não ao suicídio. “O mergulho narcisista no si-mesmo *não gera* gratificação, mas, ao contrário, impõe dores no si-mesmo” (p. 62). Este sistema de autoexploração constitui-se, como já disse antes, em uma das grandes violências invisíveis de hoje.

Muito próximo às ideias de Bion, Han afirma que, “quando são feitas experiências, encontramos-nos com o outro; as experiências nos alteram” (p. 63). Aproximando-se também de Winnicott, o filósofo coreano afirma que “se a relação com o outro se perde totalmente, tampouco poderá se formar uma autoimagem estável” (p. 63).

Byung-Chul parece conhecer – e conhecer bem – os trabalhos de Freud, porém restringe a psicanálise a eles, afirmando que ela pode compreender apenas o sujeito da modernidade, o qual chama de sujeito da obediência. Diz o autor que este sujeito é o sujeito da negatividade na medida em que a repressão, a impossibilidade de gratificar a pulsão, é o que causa a neurose. A impossibilidade de expressar e de gratificar a pulsão seria a causa do adoecimento do sujeito da obediência. Entretanto, afirma que, sendo pós-moderno o sujeito do desempenho, o sujeito da positividade, do excesso, estaria fora da compreensão freudiana. Esta afirmação é parcialmente verdadeira, pois Freud apoiou a sua compreensão das neuroses basicamente no mecanismo de repressão, mesmo quando se referia às neuroses atuais, pautadas por um excesso de ansiedade não ligada a representações resultante por uma repressão excessiva.

Entretanto, Byung parece desconhecer as contribuições pós-freudianas feitas por Bion, Winnicott, Green e Roussillon, que compreendem o psiquismo estruturando-se em uma dimensão intersubjetiva a partir do encontro com o outro e

Ruggero Levy

a mente, através dos processos de simbolização, com a tarefa de conter, transformar e representar os estímulos e as emoções advindas do corpo ou do encontro com o outro e com o mundo.

A partir destas contribuições, pode-se entender o funcionamento do assim chamado sujeito do desempenho exposto a um montante de frustrações oriundas de uma exigência de desempenho infinita e inatingível, seja no âmbito profissional, no sexual ou no cuidado do corpo. Cria-se um excesso de sensações e emoções frustrantes que sobrepõem a sua capacidade de representação e acabam sendo traumáticas, conduzindo ao *burnout* e à depressão, doenças altamente prevalentes na nossa época.

Neste sentido, Byung-Chul afirma:

(...) nas enfermidades psíquicas de hoje – como depressão, *burnout* e déficit de atenção/síndrome de hiperatividade – não há participação de nenhum processo de repressão ou de negatividade. Antes, elas remetem a um excesso de positividade. (...) à incapacidade de dizer não (...) ao poder tudo. (p. 67)

Não creio ser possível concordar com Byung-Chul quando ele diz que, nas enfermidades psíquicas de hoje, não há “nenhum processo de repressão ou de negatividade”. Entretanto, o que me parece relevante nas suas contribuições é o destaque que ele dá ao *excesso* de positividade. Em termos psicanalíticos, poder-se-ia dizer que, na atualidade, há um excesso de estimulação que desperta um montante de excitações responsáveis por exceder a capacidade de simbolização do sujeito, levando a um quadro passível de ser entendido como traumático por um excesso de emoções brutas não simbolizadas (Bion, 1962/1991, Levy, 2012) e, portanto, traumático por excelência.

Ademais, esta caracterização de Byung-Chul do sujeito contemporâneo como o sujeito do desempenho coincide com a ideia de que, frente à insegurança e precariedade da sociedade atual (Baumann, 2000), o sujeito passa a acreditar que a satisfação instantânea é um grande negócio. Tudo tem que ser feito, realizado e conquistado *aqui e agora*. Como destaquei em 2013, “o adiamento da satisfação perdeu o seu fascínio. A intolerância à *frustração impera*. Ora, sabemos o quanto o adiamento da satisfação é importante para o desenvolvimento dos processos simbólicos e, conseqüentemente, da aprendizagem” (pp. 269-270). E nós sabemos, desde Freud (1911/2010a), que é no espaço entre o desejo e a sua realização que se cria o pensamento. Ou, segundo Bion (1962/1991), é entre a expectativa e a não-realização, ou seja, é diante da frustração que se cria o pensamento. Esta entronização da gratificação imediata, do presente, local onde a historização e o

adiamento ao futuro cedem seu espaço, certamente afeta o desenvolvimento da imaginação criativa.

Este funcionamento que não cede espaço à imaginação criativa é outro elemento que contribui para o traumático acima mencionado. Ou seja, se não há espaço e tempo para simbolizar, para representar, a mente se vê intoxicada por um excesso não mentalizado, levando a um excesso de excitação que resulta naquilo que tem sido denominado de patologias atuais ou patologias do vazio.

Então, concordo com Han quando afirma que o sujeito do desempenho é o sujeito da positividade em função da eliminação das proibições para aumentar o seu desempenho ao máximo – geralmente até o *burnout* –, mas este excesso de positividade torna-se traumático pela impossibilidade de inconscientização adequada. Entretanto, creio que Han se equivoca quando diz que, em sendo uma patologia da positividade, a depressão não é provocada por um conflito psíquico, logo não pertenceria ao domínio da psicanálise, restringindo o seu conceito de psicanálise à “teoria da repressão”. Tem-se a impressão de que o autor de tantas contribuições relevantes à compreensão da subjetividade do sujeito contemporâneo desconhece a psicanálise mais contemporânea, a psicanálise do negativo, não da negatividade, como chama. Ou seja, a psicanálise do vazio, da não-simbolização, que redunde no sujeito em múltiplas adições: às drogas, ao trabalho, ao consumo, à internet, aos videogames, etc. (Levy, 2019b). Estas adições são tentativas de suprir o sentimento de vazio resultante da falta de contato emocional com o outro, que só redunde em frustrações reiteradas que conduzem ao sentimento de depressão.

Gostaria de frisar novamente que, quando é referido o *sujeito do desempenho*, ou o *sujeito contemporâneo*, está se fazendo alusão a um sujeito médio, absorvido pelo sistema produtivo e inserido nele. Inserido como privilegiado ou como explorado, pois de ambos é exigido um desempenho esgotador que resulta no tão popular *burnout* da atualidade. Tanto o sujeito privilegiado quanto o explorado são vítimas de um Eu ideal inalcançável que faz com que o sujeito se sinta deficitário, fracassado e sobrecarregado com autorreprimendas (Han, 2017). É claro que, na realidade latino-americana, o sujeito explorado pelo sistema tem um excesso da hiperexigência acima mencionada, a exploração econômica, a exclusão social, a violência, etc. Ou seja, além de tudo, está exposto a um desamparo que também afeta a sua subjetividade, como ressaltai em outro trabalho (Levy, 2020). Outro aspecto a destacar é que, em todas as culturas, existem os sujeitos da contracultura que se diferenciam da cultura dominante e tratam de questioná-la, como os intelectuais, os artistas e os poetas, que eventualmente encontram-se fora do sistema de autoexploração acima descrito.

Ruggero Levy

O sujeito do desempenho e o narcisismo

No entendimento do sujeito pós-moderno, Han (2017) acrescenta outros elementos que vem ao encontro de contribuições anteriores de psicanalistas, sociólogos e estudiosos da cultura.

Bauman (2000), por exemplo, já no início do milênio, através de seu conceito de *cultura líquida*, destacava a fluidez dos vínculos humanos. Denunciava que o caráter fugaz das modas e dos objetos de consumo cria uma visão do mundo como um “contêiner cheio de objetos descartáveis, para uma só utilização – o mundo inteiro, inclusive os seres humanos” (Bauman, 2000, p.186). Laços humanos e peças de automóveis são tomados como similares: não há conserto, são substituíveis quando perdem a utilidade (Levy, 2013). O *até que a morte nos separe* é transformado em *enquanto dure a satisfação*. O laço humano torna-se como qualquer outro objeto de consumo, algo do qual se espera uma satisfação imediata, instantânea, e que é rejeitado se não satisfizer, criando-se uma transitoriedade e instabilidade nos vínculos, o que gera um novo mal-estar na cultura, diverso daquele descrito por Freud, advindo da repressão sexual (Bauman, 1997).

Han (2017) retoma a questão do narcisismo na cultura contemporânea a partir deste vértice. Diz que o sujeito do desempenho não segue a “máxima da obediência, do cumprimento da lei e do dever, mas da liberdade, prazer e inclinação” (p. 61). Acima de tudo, ele espera obter prazer. O apelo do outro, ou seja, as necessidades do outro e as suas expectativas não são escutadas. É o que temos observado com muita frequência: a dificuldade de estabelecer vínculos sólidos baseados no respeito, na consideração pelo outro. O próprio prazer é colocado acima de tudo. Livrar-se do outro, segundo Han, “se converte em autorrelação narcisista, responsável por inúmeras perturbações psíquicas, próprias do sujeito do desempenho” (p. 61).

Na verdade, essa falta de relação com o outro referida por Han é uma dificuldade no estabelecimento de relações íntimas, e nós sabemos que estas são as responsáveis por permitir as experiências emocionais que levam à simbolização e ao crescimento psíquico (Levy, 2017). Meltzer (1988) destaca que, nas relações íntimas, existem experiências emocionais que poderão levar à expansão da mente e ao crescimento mental, o que acontece por meio de um longo trabalho de continência e de simbolização das emoções em curso. Esta dificuldade em *sofrer* e simbolizar a emoção vivida no encontro com o outro implica na impossibilidade de obter satisfação, pois ela depende do registro simbólico da experiência emocional (Bion, 1962/1991). Bion descreve estes sujeitos, incapazes de obter satisfação a partir de suas experiências com o outro, como mortos-vivos, pois vivem no mundo das coisas inanimadas. Sem citar Bion, Han afirmará que “a falta de relação com

o outro causa uma crise de gratificação” (p. 61). Em sintonia com as ideias de Bion – sem citá-las e, possivelmente, sem conhecê-las –, Han afirma que “devido à perturbação da estrutura de gratificação o sujeito do desempenho é obrigado a produzir e a desempenhar cada vez mais” (p. 62) até o esgotamento psíquico e físico e, por fim, até a depressão pelo acúmulo de frustrações por não atingir satisfação nas experiências de prazer exigidas pelo Eu Ideal.

Kristeva (1993) dirá que o homem contemporâneo não dispõe nem do tempo e nem do espaço para constituir a alma, o mental. O aspecto sexual que não passar pela elaboração simbólica transforma-se em prazer sem satisfação, pura descarga condenada à compulsão aditiva pela impossibilidade de satisfação do desejo no terreno do mental, muito menos à sua elaboração.

Por outro lado, desde as contribuições de Winnicott (1951/1975a, 1960/1982, 1967/1975b), sabemos que a subjetividade do sujeito é formada a partir do encontro com o outro. É com base no olhar da mãe que o bebê formará a imagem de si mesmo e o seu senso de existência. O sujeito humano recorre ao outro para construir a própria imagem. Winnicott cunhará a frase lapidar *Sou visto logo existo*. Contudo, o que ocorre quando o sujeito “liberta-se do outro” e passa a viver em seu universo narcísico? Sem citar Winnicott, provavelmente por também não conhecer as suas contribuições, Han afirmará que “se a relação com o outro se perde totalmente, tampouco poderá se formar uma autoimagem estável” (p. 63). Nesta situação, as defesas narcísicas, que redundam em um narcisismo patológico, buscam solucionar tal lacuna na subjetividade do sujeito. Como não sabe exatamente quem é, este sujeito adere aos elementos materiais, às qualidades de superfície, para ser alguma coisa. Esta identificação adesiva (Meltzer, 1992) cria um simulacro de identidade, pois não se baseia em introjeções estáveis, mas na aderência às qualidades de superfície. Por exemplo, “*eu sou um sujeito de valor; pois uso Gucci, Ralph Lauren e Louis Vuitton*!”. O sujeito torna-se uma coleção de grifes.

Neste contexto, estamos no império do narcisismo e do falso *self*. De acordo com as contribuições de Winnicott (1960/1982), o falso seria submeter-se a um desejo que não é o seu e adotá-lo como se fosse. Seria quando a relação com um objeto insuficientemente bom – ou a cultura – aliena o sujeito do seu desejo, de suas emoções. Como destacado antes, o *self* verdadeiro só adquire realidade viva pela presença do outro que lhe reconhece o desejo. Novamente isso interessa-nos, pois veremos posteriormente o quanto a nossa cultura poderá conduzir o sujeito à alienação de seu próprio desejo, seja pelas perturbações nos vínculos humanos e familiares que temos observado, seja por um excesso de estímulos poderosos que imprimem comportamentos sobre o sujeito.

Acredito que a descrição deste contexto cultural ajuda a entender por que

Ruggero Levy

nós, psicanalistas, temos nos deparado intensamente com as chamadas patologias do vazio, patologias narcísicas, depressivas, aditivas e assim por diante, como já foi destacado em um momento anterior.

A cultura atual e a questão da verdade

Antes de encerrar o presente artigo, gostaria de debruçar-me sobre outro mal-estar invisível, viralizado, invasivo e disseminado na cultura atual, e que tem sido chamado de *pós-verdade*. Os fenômenos da pós-verdade (Siebert & Pereira, 2020) e das *fake news* assumiram uma dimensão desastrosa durante a pandemia no Brasil, mas não apenas no Brasil. Eles atingem a todos de maneira indiscriminada, ainda mais se considerarmos a disseminação dos dispositivos e mídias digitais.

Pós-verdade foi considerada a palavra do ano pelo *Oxford Dictionary* em 2016, constituindo-se no fenômeno por meio do qual a opinião pública reage mais a apelos emocionais do que a fatos objetivos. O sujeito passa a considerar verdadeiro aquilo que vem ao encontro do que ele pensa, sem a preocupação de verificar se é verdadeiro ou falso. A verdade em si, como busca de correspondência de um enunciado com os fatos em si, é colocada em segundo plano, especialmente se uma determinada informação corrobora as crenças e as emoções de um grupo específico.

O problema torna-se preocupante quando a tendência do ser humano a julgar os fatos de acordo com as suas percepções passa a ser explorada pelos meios de comunicação de massa para finalidades políticas, econômicas ou sociais. Nestas situações, os indivíduos passam a acreditar em determinadas informações que podem não ter sido verificadas em sua veracidade, mas isso não importa mais. O fenômeno tem pelos menos duas derivações. De um lado, observa-se que as pessoas se identificam com as notícias, eventualmente verdadeiras, que melhor se adaptam aos seus conceitos. Mas, de outro, muito mais grave, determinados grupos, identificados na sua forma de pensar pelos algoritmos das mídias sociais, passam a ser bombardeados com *fake news*, falsas notícias, com a finalidade de formarem a crença em uma determinada “verdade”, falsa, manipulada, etc. Essa é, acredito, outra das grandes violências invisíveis da atualidade: o fato de a mente e as crenças do sujeito serem manipuladas de modo invisível, imperceptível. Mas, antes de seguir, gostaria de rapidamente repassar a importância da “verdade” para a psicanálise e para a mente do sujeito humano.

Ao longo de sua história, a psicanálise sempre buscou ferramentas para estabelecer a verdade do que se passa na experiência clínica psicanalítica (Civitarese, 2018), mesmo que tais ferramentas tenham mudado no decorrer do

tempo. Uma das grandes modificações foi aceitar que não trabalhamos mais com a noção de uma *Verdade absoluta*, a *Verdade*, mas a verdade possível para uma determinada dupla analítica. Nem toda a verdade pode ser dita. Bion ajudou-nos a entender que só parte da verdade pode ser dita, outra só é passível de ser vivida (Bion, 1965/2004).

A psicanálise clássica, influenciada pelo contexto epistemológico de sua época, o positivismo, considerava a verdade como concordância e coerência. É possível inferir o modelo epistemológico subjacente à atitude clínica de Freud e às suas formulações teóricas. Ou seja, em Freud, implicitamente, a busca da verdade era realizada, por exemplo, através da busca da concordância entre a proposição – a interpretação – e o inconsciente, que estava ali dado, formado, à espera de ser descoberto e revelado pelo observador objetivo, o analista. O desejo infantil, visto quase como um fato natural, tinha que corresponder à interpretação feita ou à compreensão dinâmica construída, tema que desenvolvi no trabalho *Verdade e a dimensão estética da psicanálise* (Levy, 2019a).

Então, nos primórdios da psicanálise, Freud, na ânsia de torná-la uma ciência natural, acreditava que os fatos psicanalíticos deveriam ter uma correspondência com os fatos reais vividos na infância do sujeito (Hanly, 1992) ou inscritos na sua biologia, no seu corpo. Ou seja, na *história vivida* do paciente deveriam existir fatos reais que correspondessem de algum modo às produções oníricas e aos sintomas neuróticos trazidos ao analista. Em epistemologia, tal busca da verdade por correspondência tem como ciência prototípica a física (Rezende, 1999), eu diria newtoniana. Neste tipo de postura científica, a hipótese de trabalho deve necessariamente corresponder a um fato real, o que lhe confere veracidade. Assim, o resultado de uma fórmula da física newtoniana a respeito da força da gravidade, por exemplo, deve corresponder sempre a um fenômeno real. Uma maçã atirada de uma altura determinada deverá sempre levar o mesmo tempo para chegar ao chão, caso o experimento seja realizado na Terra, onde a força da gravidade é uma constante. Freud, em busca do realismo científico (Hanly, 1992), frequentemente assumia esta postura epistemológica. O exemplo mais ilustrativo é a clássica análise do *Homem dos lobos*. No trabalho de interpretação do sonho dos lobos, Freud, como um verdadeiro historiador/detetive envolvido na reconstituição de um evento histórico, reconstrói a “cena real” que certamente deveria ter ocorrido, tomando por base o seu ponto de vista da época. Era a busca da correspondência quase absoluta. Postula que o *Homem dos lobos* não apenas teria assistido ao coito dos pais, mas inclusive procurou determinar a posição em que eles estavam e a hora do ocorrido. Embora Freud utilizasse também outros critérios científicos, como, por exemplo, a verdade por coerência (Hanly, 1992), esta *objetividade* lhe parecia essencial para

Ruggero Levy

a psicanálise poder reivindicar um lugar como ciência. Neste contexto, então, o psicanalista seria aquele que está em busca de reconstituir a verdade objetiva dos fatos, procedimento este chamado de reconstrução.

No entanto, o conceito de *verdade* e a forma de persegui-la mudou muito na psicanálise ao longo de seus mais de 100 anos. Toda a obra de Bion aponta no sentido de entender como se constrói o conhecimento, a verdade possível na mente do sujeito humano. Ademais, ele considera a verdade como o alimento da mente, na medida em que cria o sentimento de coerência e harmonia, enquanto a mentira é vista como um estado mental que se opõe ao crescimento mental, à expansão da mente, além de gerar um sentimento de não coerência. Em termos contemporâneos, além dos critérios de verdade por correspondência e coerência utilizados por Freud, considera-se que o senso de verdade se constrói por meio de múltiplas ligações e consensualidades que se realizam: entre dois sujeitos envolvidos na experiência; entre emoção e razão; entre vivência subjetiva e linguagem; entre consciente e inconsciente; e, finalmente, entre corpo e mente (Civitarese, 2018). Essa consensualidade dá ao sujeito não apenas a convicção da verdade, mas também uma sensação de coerência e de integração.

Para o tema abordado hoje, interessa-nos saber que, em nosso ambiente cultural, onde a pós-verdade e as *fake news* viralizam tanto ou mais do que a própria replicação da Covid-19, o sujeito, ou é lançado em uma confusão e incerteza quanto à sua percepção da realidade ou é abduzido por uma versão da realidade que, muitas vezes, é uma perversão da realidade. Uso aqui o conceito de perversão de Meltzer (1973), em que o sentido e o significado das experiências são distorcidos e invertidos.

Comentários finais

Dou-me conta que concluo esse trabalho com uma visão do sujeito contemporâneo pressionado entre vários mal-estares: o mal-estar vindo das características do modo de produção e de consumo da sociedade pós-moderna, onde a exigência de desempenho cada vez maior leva ao *burnout* e à depressão; o mal-estar dos excluídos do sistema produtivo e, portanto, à margem dos benefícios obtidos pelos avanços tecnológicos, científicos e de produção de riquezas; o mal-estar psíquico advindo da incerteza quanto à verdade de suas experiências e, também, não podemos deixar de lado os mal-estares advindos de posturas xenofóbicas, racistas, homofóbicas, tão prevalentes nos dias de hoje, talvez uma reação aos avanços realizados pela cultura na tentativa de inserção e inclusão destas

minorias ou grupos étnicos antes marginalizados. Infelizmente, nos tempos atuais ainda temos que somar aos mal-estares a realidade da pandemia potencialmente traumática que estamos vivendo, não só pelo número absurdo de mortes que presenciamos, em especial no Brasil, mas por toda a incerteza e desacomodação trazidas pelo vírus.

Entretanto, apesar de me parecerem inteiramente verdadeiros os mal-estares acima sintetizados, não podemos deixar de destacar os enormes bem-estares também existentes na cultura contemporânea. Apenas como exemplo, se não fosse o enorme avanço científico agora vivenciado, capaz de criar e fabricar em alta escala várias vacinas contra a Covid-19 em um ano, o número de mortes seria exponencialmente maior. O avanço científico e tecnológico ocorre na atualidade em uma velocidade e profundidade jamais imaginada.

Em relação a esta tensão entre mal-estares e bem-estares, subjaz, acredito, o conflito entre Eros e Thánatos, entre a pulsão de vida e a pulsão de morte, algo que sempre existiu através dos tempos. A forma com que ocorre essa luta entre a vida e a morte é que se modifica nas várias formações culturais surgidas ao longo da história. Entretanto, acredito que existem momentos em que se faz mais presente a força de Thánatos, da destrutividade, da violência, do ataque à verdade e ao pensar, assim como, em outros momentos, prevalece Eros com a geração de vida, de paz, de riqueza e de conhecimento, embora, como forças inescapáveis, ambas estejam sempre em tensão. É com a pulsão de vida que contamos para que, apesar dos mal-estares, siga prevalecendo o progresso da humanidade. □

Abstract

Disruption in culture: the visible and invisible violence

The author, collating concepts of psychoanalysis and philosophy, especially from the ideas of Byung-Chul Han, discusses the malaise of current culture, also seeking to consider the inevitably disruptive context of the Covid-19 pandemic. Initially considers that in every culture there are inevitable malaises of life in society, however dwells in some uneasiness from the current culture, namely the demands of a performance that exhaust the contemporary subject, leading to narcissistic isolation and high prevalence of depression. He also studies the impact on the subjectivity of contemporary man of what the philosopher calls culture of “excess positivity” and its potentially traumatic effect. Concludes the work discussing the possible consequences of the *phenomenon of post-truth* and *fake news* on the mind of the contemporary subject.

Ruggero Levy

Keywords: Malaise in culture; Postmodernity; Psychoanalysis and culture; Narcissism; Culture and truth

Resumen

Disrupciones en la cultura: violencia visible y invisible

El autor, articulando conceptos del psicoanálisis y la filosofía, especialmente a partir de las ideas de Byung-Chul Han, discurre acerca de malestares de la cultura actual, buscando también tener en cuenta el contexto inevitablemente disruptivo de la pandemia de Covid-19. Inicialmente, considera que en todas las culturas existen malestares inevitables de la vida en sociedad, pero se detiene en algunos disgustos de la cultura actual, a saber, las exigencias de una performance que agota al sujeto contemporáneo, conduciéndolo al aislamiento narcisista y a la alta prevalencia actual de cuadros de depresión. También estudia el impacto, en la subjetividad del hombre contemporáneo, de lo que el filósofo llama la cultura del “exceso de positividad” y su efecto potencialmente traumático. El trabajo finaliza discutiendo las posibles consecuencias en la mente del sujeto contemporáneo de los fenómenos de la posverdad y las *fake news*.

Palabras clave: Malestar en la cultura; Posmodernidad; Psicoanálisis y cultura; Narcisismo; Cultura y verdad

Referências

- Bauman, Z. (1997). *O mal-estar na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- Bauman, Z. (2000). *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- Bion, W. (1991). *Aprendiendo de la experiencia*. México: Paidós. (Trabajo original publicado em 1962)
- Bion, W. (2004). *Transformações. Do aprendizado ao crescimento*. Trad. de P. C. Sandler. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago. (Trabajo original publicado em 1965)
- Civitaresse, G. (2018). Truth as immediacy and unison: a new common ground in psychoanalysis? – Commentary on essays addressing ‘Is truth relevant?’ In *Sublime subjects. Aesthetic Experience and Intersubjectivity in Psychoanalysis*. London: Routledge.
- Freud, S. (2010a). Formulação sobre os dois princípios do funcionamento psíquico. In *Sigmund Freud – Obras completas – Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (“O caso Schreber”)*, artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913), (Trad. de Paulo César de Souza, Vol. 10, pp. 81-91). São Paulo:

- Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1911)
- Freud, S. (2010b). O Eu e o Id. In *Sigmund Freud – Obras completas – O Eu e o Id, “Autobiografia” e outros textos (1923-1925)*, (Trad. de Paulo César de Souza, Vol. 16, pp. 22-32). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1923)
- Freud, S. (2010c). O mal-estar na civilização. In *Sigmund Freud – Obras Completas – O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)*, (Trad. de Paulo César de Souza, Vol. 18, pp. 09-89). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1930)
- Han, B.-C. (2017). *Topologia da violência*. Trad. de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2019 (e-Pub).
- Hanly, C. (1992). *O problema da verdade na psicanálise aplicada*. Rio de Janeiro: Imago, 1995.
- Levy, R. (2009). Desejo e prazer: a construção do sujeito pós-moderno. Trabalho apresentado no painel *Desejo e prazer: a construção do sujeito pós-moderno* na Jornada do Cinquentenário da Sociedade de Psicologia do RS, em 27 de junho de 2009.
- Levy, R. (2013). O tempo da incerteza: elogio ao pudor – em defesa de um certo mistério necessário à simbolização. *Revista de Psicanálise da SPPA*, 20(2), 265-276. Recuperado de <<http://revista.sppa.org.br/index.php/RPdaSPPA/article/view/28>>
- Levy, R. (2017). Intimidade: o dramático e o belo no encontro e desencontro com o outro. *Keynote paper* para o 50º Congresso da IPA, em Buenos Aires, julho de 2017.
- Levy, R. (2019a). Verdade e a dimensão estética da psicanálise. *Revista de Psicanálise da SPPA*, 26(1), 61-83. Recuperado de <<http://revista.sppa.org.br/index.php/RPdaSPPA/article/view/407>>
- Levy, R. (2019b). The polyphony of the contemporary psychoanalysis: the multiple languages of man. *The International Journal of Psychoanalysis*, 100(4), 656-673.
- Levy, R. (2020). Subjetividades, a mente em movimento. *Trabalho apresentado na mesa de abertura do Eixo Subjetividades do 33. Congresso da FEPAL*, 2020.
- Meltzer, D. (1973). *Os estados sexuais da mente*. Rio de Janeiro: Imago, 1979.
- Meltzer, D. (1988). *A apreensão do belo*. Rio de Janeiro: Imago, 1995.
- Meltzer, D. (1992). *The claustrum. An investigation of claustrophobic phenomena*. Perthshire, The Clunie Press.
- Prigogine, I. (1996). O fim da ciência? In *Novos paradigmas, cultura e subjetividade*. Org. Dora Fried Schnitman. Porto Alegre: Artmed.
- Rezende, A. M. (1999). *A questão da verdade na investigação psicanalítica*. Campinas: Papyrus.
- Siebert, S., & Pereira, I.V. (2020). A pós-verdade como acontecimento discursivo. *Linguagem em (Dis)curso – LemD*, 20(2), 239-249.
- Winnicott, D.W. (1975a). Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1951)
- Winnicott, D.W. (1975b). O papel da mãe e da família no desenvolvimento emocional infantil. In *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1967)

Ruggero Levy

Winnicott, D.W. (1982). Distorção do ego em termos de verdadeiro e falso *self*. In *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1960)

Recebido em 24/05/2021

Aceito em 02/06/2021

Revisão gramatical de **Gustavo Czekster**

Revisão técnica de **Renato Moraes Lucas**

Ruggero Levy

Rua Carvalho Monteiro, 234/501

90470-100 – Porto Alegre, RS – Brasil

ruggerolevy@gmail.com

© Revista de Psicanálise da SPPA